

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CULTURA ESPANHOLA. NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. PEDRO BOSH GIMPERA -SOBRE PROBLEMAS DE LA PREHISTORIA AMERICANA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1948 | Número: 58

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Notícia de algumas publicações recentes. Pedro Bosh Gimpera -Sobre problemas de la prehistoria Americana. *Revista de Guimarães*, 58 (3-4) Jul.-Dez. 1948, p. 374-377.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

peças falsas dos museus e colecções públicas de Espanha e Portugal, tais como as do Museu Municipal de Tortosa, da Academia de S. Fernando, do Museu de Belas Artes de Córdoba, dos Museus Arqueológicos de Madrid, Barcelona e Valladolid, do nosso Museu de Évora, etc., o ilustre Prof. da Universidade de Madrid vincou no seu interessante trabalho estas criteriosas palavras: «Que um museu possua cópias ou imitações antigas, e, inclusivamente, peças falsas, não é desdoiro algum. Mas que as exponha com falta de critério e de consciência, isso já é pecado grave».

Este breve mas substancioso estudo precede um trabalho mais vasto, de carácter geral, sobre «Escultura romana na Península», que já se encontra no prelo, e com a maior curiosidade e interesse científico ficamos aguardando.

Pedro Bosch Gimpera, *Sobre problemas de la Prehistoria Americana*. Separata de «Acta Americana», Vol. VI, n.º 1-2. México D. F., 1948.

O insigne Professor Pedro Bosch Gimpera, sábio pré-historiador e etnólogo de reputação mundial, actualmente Director em Paris da Secção de Humanidades da UNESCO, não diminuiu a sua conhecida actividade científica enquanto permaneceu, durante alguns anos, na América latina. Ali publicou, em 1945, a importantíssima obra «La formación de los pueblos de España», na qual rectifica muitas ideias expendidas na sua «Etnologia de la Península Ibérica», e valiosos artigos de pré-história e de etnologia europeias, em periódicos científicos mexicanos, tais como um notável trabalho sobre «El Mesolítico europeo», na Revista *Ciência*, os estudos «Los Foces y el lejano Occidente» y «Elementos de formación de Europa: los Celtas», na *Revue de l'IFAL* (Institut Français de l'Amérique Latine); etc. Um dos seus mais recentes trabalhos, de que vamos dar breve notícia, foi ainda elaborado no México, e publicado no vol. VI dos *Acta Americana*, tendo como título — «Sobre problemas de la Prehistoria Americana».

O marco cronológico a fixar aos primeiros indí-

cios da existência do homem no continente americano, em relação às culturas primitivas do velho mundo, bem como a incógnita da origem do povoamento dos vastos territórios das duas Américas, tem, há muitos anos, preocupado os investigadores, sem que se haja ainda chegado a soluções definitivas, ou, pelo menos, aceitáveis sem grandes reservas. Retrocedendo na ordem dos tempos, desde a actualidade, é possível estabelecer, com relativa segurança, um sistema satisfatório de ligações e sincronismos na evolução das culturas americanas, até chegarmos aos últimos séculos antes da nossa era. Mas, daí para trás, o horizonte entenebrece por falta de dados científicos, e surge então uma extensa lacuna de vários milénios até aos tempos mais recuados. Supõe-se, contudo, que o aparecimento do homem na América remonta a um momento do Quaternário, contemporâneo do final da glaciação de Würm na Europa, ou seja cerca de 8000 anos a. C.

Quanto à procedência das populações primitivas da América, supõe o ilustre professor Bosch Gimpera que, no final do Quaternário, ou seja num período sincrónico do Mesolítico europeu, ao ter início a mudança climática que deu lugar às oscilações glaciárias na América do Norte, se produziram nas regiões marginais da Ásia Oriental variações de temperatura, que determinariam o deslocamento de populações aborígenes asiáticas (então ainda estacionadas na cultura do Paleolítico superior), obrigando-as a emigrar lentamente para a zona ocidental norte-americana, de clima propício à vida humana. Posteriormente, com o gradual resfriamento do norte da cordilheira do Pacífico, e sob a pressão de uma nova corrente migratória de povos caçadores siberianos, entrados na América pelo Estreito de Behring, ter-se-iam aquelas anteriores populações deslocado para as zonas meridionais, até que, muito mais tarde, chegaram à América do Sul. E, então, o fenómeno antropológico de certas populações sul-americanas (da Terra do Fogo e da Patagónia) apresentarem caracteres do tipo australoide e tasmanomelanoide poderia explicar-se considerando essas populações como um ramo distinto, embora morfológicamente coincidente, de um tronco comum de humanidade primitiva, oriundo da Ásia, o qual teria

igualmente produzido o ramo oceânico dos tasmano-melanésios e dos australianos propriamente ditos.

Esta teoria contradita a de outros AA., por exemplo a de Rivet (*Les origines de l'homme américain*, 1925) e de Mendes Correia (*Nouvelle hypothèse sur le peuplement primitif de l'Amérique du Sud*, 1928), que fazem chegar os australoides à América do Sul através das ilhas e terras da Antártida, admitindo portanto um povoamento do continente americano no sentido sul-norte, expansão contrária aos que advogam a entrada dos primeiros emigrantes pelo noroeste. Rivet, e também Montandon (*L'Ologenèse humaine*, 1928), aceitam ainda a chegada dos tasmano-melanésios à América do Sul, navegando por étapes sucessivas entre as numerosas ilhas da Oceania, das quais as mais próximas do continente sul-americano são as Ilhas de Páscoa, Sala y Gomez, e as de João Fernandes.

Bosch Gimpera, ao contrário destes investigadores, mantém a opinião da possibilidade do caminho norte-asiático. Admite porém duas migrações distintas: a primeira constituída pelos elementos primitivos que deram origem ao estrato verdadeiramente pré-histórico, elementos que entraram na América pelo noroeste, através dos territórios, então livres de gelo, do Alaska, cerca do ano 8000 a. C.; a segunda, dos povos com uma cultura mais avançada, os caçadores páleo-siberianos, que penetram pelo Estreito de Behring, entre os anos 5000 e 3000 a. C.

O eminente etnólogo dá-nos assim, em largos traços, no seu estudo, o esquema geral das conclusões a que chegou, respeitantes à interpretação destes transcendentales problemas da Pré-história americana. Só a cientistas de uma cultura geral vastíssima, como a do consagrado professor catalão, é dado tentar esclarecer temas de tamanha complexidade, como são todos os que se relacionam com os problemas das origens dos povos e da evolução das suas culturas, especialmente quando tais problemas ainda carecem de um estudo sistemático, assente em bases firmes, apoiadas na geologia, na antropologia, arqueologia, linguística, etc. E a incógnita das origens do povoamento americano pode dizer-se que apenas começa a sair da fase especulativa das possibilidades hipotéticas, dependente

ainda, e quase por completo, de pontos de vista meramente pessoais dos investigadores.

ARS HISPANIAE: *Historia Universal del Arte hispanico*. Vol. I: — «Arte prehistorico», por **Martin Almagro**; «Colonizaciones púnica y griega. El Arte iberico. El Arte de las tribus celtas», por **Antonio Garcia y Bellido**. 371 pág. e 417 gravuras.

Vol. II: «Arte romano», por **Taracena Aguirre**; «Arte pelecristiano», por **Batlle Huguet**; «Arte visigodo y Arte asturiano», por **Helmut Schlunk**. 442 pág. e 429 gravuras. Formato dos vols.: 275 x 210 mm. Madrid, Editorial Plus-Ultra, 1946 e 1947.

A empresa editora «Plus-Ultra», de Madrid, lançou há pouco no mercado livreiro os dois primeiros volumes da magnífica obra subordinada ao título geral supra indicado. O plano desta grande publicação abrange um panorama geral da Arte espanhola, desde as suas mais remotas origens pré-históricas até ao século XIX, focando, com a extensão e precisão necessárias, autorizada exposição crítica e larga documentação bibliográfica e iconográfica, a sua milenária evolução através dos diversos períodos culturais. Após o estudo da arte paleolítica, neolítica e do Bronze, analisam-se, no 1.º volume, os contactos das colonizações céltica, púnica e grega, e a arte ibérica. No volume 2.º, estudam-se as largas e fecundas influências da Romanização na arte peninsular, e, em seguida, a arte páleo-cristã, visigoda e asturiense. Virá depois o estudo da arte califal hispano-árabe e da arte moçárabe, a arquitectura almoada, a arte granadina, mudéjar e mourisca. Seguidamente o românico (arquitectura, escultura, pintura, imaginária e miniatura) e a arquitectura cisterciense; depois, o período gótico. A's artes industriais dos séculos XI ao XV será dedicado um volume especial. Finalmente, os últimos volumes serão consagrados à arte da Renascença, ao barroco, à pintura do século XVII, à arte neo-clássica, às artes aplicadas dos séculos XVI ao XVIII, encerrando esta